

Aspectos históricos no caminho de uma fábrica à cooperativa

Nelia Maria Puccini Burigo
Doutoranda em Educação Escolar

Resumo

Este trabalho faz uma reflexão com base na teoria e pensamento do sociólogo Norbert Elias (1990), sobre os processos educativos envolvidos na mudança de estrutura de pensamento dos trabalhadores de uma fábrica patronal para cooperativa autogerida. Para tanto, parte-se do pressuposto de que, conforme preconiza Elias (1990), as *mudanças* históricas, sua mecânica e seus mecanismos concretos, vão refletir nas estruturas psicológicas dos indivíduos, de maneira a influenciar e modificar as mesmas; assim como as alterações ocorridas nas estruturas psicológicas dos indivíduos estão intrinsecamente ligadas com as transformações sociais. Estas podem acontecer quando houver um desenvolvimento que abarque várias gerações.

Introdução

Este artigo faz parte de alguns estudos e dados obtidos em pesquisa de doutorado. A importância de sua temática tem origem em uma monografia em Ciências Sociais, quando a partir do acesso a alguns manuais de uma fábrica, têxtil, da cidade de Nova Odessa¹, estes locais (fábrica e cidade) tornaram-se o foco de trabalho acadêmico. A monografia intitulada “A implantação do taylorismo na S/A Têxtil Nova Odessa - o trabalho das mulheres” detectou, através da pesquisa, as precárias condições de alfabetização dos trabalhadores desta fábrica na década de 1950. A maioria eram mulheres, analfabetas (não sabiam nem ler e nem escrever) que foram submetidas a um trabalho extenuante e levou-as a um esgotamento nervoso causado além da dupla jornada de trabalho, também pela imposição de executarem com destreza as normas do trabalho que chegavam até elas meramente escritas.

O enfoque no comportamento político dos trabalhadores desta mesma fábrica (Mestrado em Sociologia Política) tornou necessário um estudo sobre a história dos moradores da cidade, desde seu início como núcleo colonial, as primeiras indústrias até a chegada na Têxtil (onde foi pesquisado o trabalho das mulheres anteriormente citado). Naquele momento aquela sociedade revelou-se conservadora, com características como diferentes imigrações, migrações e cultura; especificidades que guarda até hoje, apesar de alguma flexibilidade que ocorreu com o passar do tempo. Para contemplar o crescimento ocorrido naquele período, foi requisitada a memória de trabalhadores que tinham em média oitenta anos de idade. Geralmente eram casais aposentados, que haviam trabalhado juntos na mesma fábrica por longo tempo. Eles falavam diversas vezes “Meus filhos estudaram...”; às vezes até diziam qual curso os filhos tinham estudado, mas não havia essa pergunta no questionário da pesquisadora, o que fez emergir outro enfoque de investigação. Porque estes trabalhadores davam tanta

¹ A cidade de Nova Odessa situa-se a 120 quilômetros da capital e 35 quilômetros de Campinas; limita-se ao norte e leste com Americana; a oeste com Santa Bárbara D'Oeste, tendo ao sul o município de Sumaré.

importância a este dado? Mera possibilidade de ascensão pelo estudo escolar ou o quê mais?

Esta pergunta levou à especialização em educação, com o objetivo de respondê-la. Para começar a mapear o campo, e ida à cidade com esta finalidade, houve a descoberta de que esta fábrica havia se transformado em cooperativa. A adesão ou escolha de quase metade dos trabalhadores da fábrica patronal existente há 50 anos, para o sistema de cooperativa autogerida trouxe novas indagações, pois as duas formas de gerir o trabalho são consideravelmente diferentes.

Na fábrica heterogerida, conforme pesquisa de Corrêa (2004), os trabalhadores não têm controle sobre o processo de trabalho, que é exercido pela figura do supervisor e de seus regulamentos organizacionais; a autoridade está vinculada ao cargo; o processo decisório cabe ao proprietário e a avaliação de desempenho é realizada pelo mesmo para quem a competência e habilidade técnica são fator primordial; no processo de produção (essencialmente taylorista) os trabalhadores não têm controle da gestão nem do sentido do trabalho nem responsabilidade sobre as condições de trabalho.

Na cooperativa autogerida, praticamente oposta na forma, os trabalhadores possuem controle sobre o processo de trabalho que é exercido pelo grupo; a autoridade reside no conjunto dos membros; a tomada de decisões é um processo coletivo, por meio da participação direta; a avaliação de desempenho ocorre através de debates entre os membros para quem a competência e habilidades técnicas são importantes, mas não são fator primordial; e no processo de produção, ainda que continue essencialmente taylorista, os trabalhadores têm controle sobre a gestão, no sentido que dão ao trabalho e são responsáveis pelas condições a que estão expostos.

Aliando a importância dada à educação pelos trabalhadores enquanto fábrica, com a transição para cooperativa, o objetivo é compreender o que propiciou uma mudança na estrutura de pensamento, buscando estas respostas nas relações de trabalho. A pedagogia que ocorreu no processo de trabalho é uma categoria importante para compreender o que ocorreu entre o velho e o novo modo de produzir. Assim como para procurar apreender nestas novas reestruturações, na pedagogia daí originada, os fatores análogos que podem fazer um contraponto com as novas pedagogias escolares.

Ainda que os trabalhadores da produção não tenham sido, num primeiro momento, chamados a participar do grupo que centralizou a idéia de cooperativa, a reestruturação posterior da mesma, por estes trabalhadores, pressupõe a existência de uma pedagogia, ensinada/ transmitida no interior do processo de trabalho enquanto fábrica. Um processo de aprendizado coletivo que viabilizou a cooperativa antes mesmo dela funcionar, e que lentamente, favoreceu e fez surgir uma nova concepção de trabalho, novos padrões, novas ideologias, novas formas de organização.

Mesmo que os trabalhadores da produção tenham contado com o patrocínio de fatores externos como ex companheiros sindicalistas, clubes de futebol ou associações religiosas, interessa-nos saber como dentro da fábrica, aprenderam a se posicionar contra a mesma organização capitalista que tentou moldá-los um dia.

Eles têm a propriedade dos meios de produção, mas não têm todos os segredos da gestão: não têm a ciência que o sistema capitalista não propiciou chegar ao chão da fábrica. Então como chegaram aos postos de mando? Nos anos 1980, na fábrica, os educadores eram os supervisores de linha, responsáveis por funções de controle administrativo, concepção de trabalho e disciplinamento; depois foi a vez dos engenheiros de produção e agora deparamos com os cooperados que nos trazem interrogações: como os trabalhadores se educaram sem aquelas figuras a quem era delegada esta função? Em que medida os processos educativos que se dão no interior das cooperativas, reproduzem a lógica da fábrica ?

Uma das hipóteses é de que isso tenha sido construído através de gerações, reconhecendo como referencial teórico o conceito de sociogênese e psicogênese de Norbert Elias, que tentou explicar a partir de vários aspectos que compõem o processo civilizatório como se deu este desenvolvimento no ocidente e como todo o aparelho psíquico teve que se moldar a estas mudanças, liberando outras manifestações de acordo com o conjunto de regras de condutas determinadas socialmente.

“As pesquisas sociogenéticas e psicogenéticas propõem-se a revelar a ordem subjacente às *mudanças* históricas, sua mecânica e seus mecanismos concretos; e parece que, desta maneira, grande número de questões que julgamos hoje complicadas, ou muito além da compreensão, podem receber respostas bem simples e precisas”. (ELIAS, 1990, p.17)

...

A fim de abordar as principais questões, Elias vê como importante a observação constante dos fatos históricos e verificação e revisão constantes do que foi estudado antes. O núcleo foi colonizado por imigrantes letos, considerados bons agricultores e que consideravam-se submissos aos princípios da vida da religião batista. Os italianos que já estavam na região - vindos da região do Vêneto - aproveitaram uma alteração na lei² e se mudaram para o núcleo também. Instalados na área urbana, (em sua maioria) viriam paulatinamente a assumir postos nos recém criados posto policial, cadeia, coletoria, iluminação pública e serviço de telefonia. Estabelecidos principalmente na área rural, coube aos letos³ a fundação de uma cooperativa (que durou até 1925) com o objetivo de vender os seus produtos agrícolas em São Paulo, pois o algodão, entre outras culturas cultivadas em suas propriedades, limitava-se apenas a mercados vizinhos.

Elementos de etnias e culturas diferentes, todos com equilíbrio instável de poder. Os letos sentindo-se fundadores do núcleo porque o mesmo foi “criado para eles”, e ao mesmo tempo sentindo-se distanciados pela dificuldade do idioma e estranhamento cultural.

A primeira escola foi fundada em 1907, envolvendo crianças letas, brasileiras e de outras etnias, oferecendo as disciplinas: Português, Álgebra, Literatura e Geometria. Contudo a transmissão do conhecimento de uma geração a outra ainda era predominantemente garantida pela participação familiar das crianças na vida e no trabalho dos adultos, como podemos ver no exemplo citado a seguir: “*A cultura do algodão dispensa o trabalho dos adultos, podendo suas tarefas serem feitas por mulheres e crianças. A colheita é mais um passatempo [...] crianças e velhos são aproveitados nesse mister...*” (ARRUDA, 1957, p.310).

E aquelas que estivessem próximas do espaço urbano, entravam em contato com o feiçadismo, que paralelamente à forma capital/trabalho, mantinha o trabalho em casa

² Através de um abaixo-assinado, em 11 de janeiro de 1909, 42 ‘russos-letos’ reivindicaram a anulação da venda de lotes do núcleo a imigrantes de outras nacionalidades que não a russa, com base no artigo 1º do decreto de criação do mesmo. Mas essa sua reivindicação foi considerada injustificada; o artigo havia sido alterado dias antes. (conforme pesquisa na Caixa 49 de Núcleos Coloniais, Maço 4, Correspondência 23, Divisão do Arquivo do Estado). O que deve ter enraizado ressentimentos.

³ O Sindicato Agrícola dos Colonos de Nova Odessa, em 16 de novembro de 1909, pediu ao governo que cedesse uma de suas casas para a instalação do mesmo e comercialização de seus produtos. Seu presidente era o leto batista Ernesto Araiun. Esse pedido foi negado, com o argumento de que este sindicato já estava legalizado, pagava imposto e não seria justo com os outros comerciantes já estabelecidos no núcleo. (Caixa 49 de Núcleos Coloniais, Maço 4, Correspondência 10, Divisão do Arquivo do Estado).

com a família. Fação é uma expressão de origem francesa: “à façon, se dit d’un travail execute sous journalir les matériaux”, um sistema de trabalho correspondente à simples prestação de serviço.

Segundo Pagnani (1976) dentre os processos artesanais característicos do século XVII haviam atividades produtivas voltadas para a manufatura de partes componentes de produtos finais; as principais indústrias (têxteis) estavam agrupadas em base doméstica. “... um tipo de subcontratação com peculiaridades de caráter não formal e não organizado, no que tange a estrutura singular da economia feudal ainda é encontrado na indústria têxtil moderna sob o sistema à façon [...] Relações de subcontrato que aparecem desde o momento em que se inicia a própria divisão do trabalho, e da especialização na atividade de produção no sistema econômico” (PAGNANI, 1976, p. 41).

Os primeiros estabelecimentos que apareceram em 1927 em Americana, segundo Rodrigues (1978) limitavam-se a um ou dois teares instalados na residência de um operário capacitado (mestre ou contra-mestre). Estas máquinas eram movimentadas após o chefe de família ter encerrado o trabalho regular e a matéria-prima era fornecida pela própria indústria onde trabalhavam. Com o passar do tempo, a mulher e alguns filhos mais crescidos aprendiam a trabalhar no tear, o que permitia ampliar as horas de funcionamento da máquina.

O façonista era também o proprietário de uma indústria têxtil, que não dispo de suficiente capital de giro, prestava serviços de mão-de-obra mecanizada a terceiros. Para pagamento das máquinas, trabalhava de 12 a 15 horas por dia, quando as crises e conseqüentes cortes de serviço não afetavam sua indústria. Fazia parte de uma classe heterogênea não só quanto ao aspecto sócio-econômico, mas também quanto à origem étnica e à formação intelectual. As relações entre o façonista e seus operários foram sempre mais amistosas que aquelas registradas na indústria autônoma, não só pelo fato de trabalharem lado a lado, mas também por serem freqüentes as relações de parentesco.

Como se pode verificar, no façionismo a educação **para e no** trabalho acontecia na própria residência do trabalhador e era ensinada no espaço familiar, muitas vezes nas “horas livres” do trabalho caseiro ou se alternando com ele. Era ensinada (ou imposta) pelo pai, pela necessidade de sobrevivência. Este operário “façonista” capacitado - mestre ou contra-mestre de fiação - levava em média 10 anos para adquirir esta habilidade. Nesse cenário a família era o quadro formativo fundamental das novas gerações de trabalhadores.

O ramo têxtil em Nova Odessa cresceu nas décadas de 1920 e 1930 com a participação do pequeno capital comercial na compra de máquinas de beneficiar algodão, adquiridas por letos e italianos, com predominância dos últimos. Nova Odessa contava em 1940 com 5 tecelagens, que mantiveram-se apesar da perda de importância da cotonicultura. As notícias nos jornais refletiam preocupações com a autonomia econômica⁴ e política⁵. O povoado recebia visitas de autoridades diversas, inaugurava casas comerciais e de lazer (teatro, cinema, clubes, jornal e rádio) e adquiria novas máquinas⁶.

Com a chegada de novas máquinas em Americana, sede do município (Nova Odessa ainda era povoado) ocorreu uma crescente complexidade nas atividades trabalhistas e a educação escolar passou a desempenhar papel importante. Sud Menucci, então delegado escolar da região, escreveu ao professor Henrique de Campos, diretor do Grupo Escolar

⁴ A matéria “Visões de Progresso” diz que “Nova Odessa tem de tudo um pouco, não precisa mais depender de Rebouças”. (*O Município*, 04.04.1930)

⁵ *O Município*, “Nota política”, 15.06.1939.

⁶ *O Município*, vários números de 1930 à 1937.

Nova Odessa para que este promovesse um movimento para elevação do povoado a distrito, o que ocorre em 01 de janeiro de 1939. Seus sub-prefeitos incluíram descendentes de portugueses, italianos e um de letos. Com a irrupção da Segunda Guerra Mundial, alemães e italianos, assim como seus descendentes, serão duramente perseguidos. Cresce o populismo nacional e é favorecida a industrialização.

Em 1947 “é aprovado o primeiro loteamento de Nova Odessa, a Vila Azenha”. Em julho de 1949, a lei orgânica nº 176 do município de Americana, e a lei nº 194 de dezembro de 1949 que determinou a isenção de impostos municipais para indústrias, auxiliou a instalação de fábricas de grande porte como a S/A Têxtil Nova Odessa (SATNO), no distrito com o mesmo nome. Uma grande transformação, marco para alguns - “Nova Odessa antes e depois da Fiação”⁷ - começa a ocorrer.

A década de 1950 foi marcada, segundo Quadros (1985), pelo processo de constituição do capitalismo brasileiro: trabalho assalariado na cultura do café; formação de mercado de trabalho com imigração em massa; surgimento do capital industrial; desenvolvimento dos centros urbanos. Em Nova Odessa, no final dos anos 50, estavam instalados os principais recursos necessários à implantação de indústrias: fornecimento de serviços como abastecimento de água e energia elétrica, transporte, sistema bancário e estrutura governamental (serviços de saúde, educação e segurança). Essa urbanização e industrialização tiveram reflexos na organização do trabalho, inclusive nas funções administrativas, conforme estudos de Cunha (1963). E foi nas funções de gestão pública e privada (administradores e rede de auxiliares)⁸ para onde acorreram e encontraram respaldo os trabalhadores típicos da classe média.

Fazendo uma analogia da nova classe média descrita por Mills (1969), nos Estados Unidos, com a nova classe média pesquisada no Brasil por Quadros (1985), vimos que na localidade estudada - Nova Odessa - os primeiros proprietários - considerados como a antiga classe média desta cidade - que mantinham o círculo familiar fechado, foram se flexibilizando devido à distribuição dos bens, hereditariamente, necessidade de rendimento em ocupações extra ao lar e às novas perspectivas de trabalho. O crescimento do número de fábricas tornou necessário um maior número de pessoas para a órbita administrativa, mas nas pequenas fábricas o trabalho de escritório continuou sendo feito exclusivamente pelo patrão ou parentes próximos.

A resistência à que seus filhos se empregassem em fábricas, como operários, revela um temor de quebra da continuidade da estrutura familiar, e que também poderia significar uma proletarização, um rebaixamento de classe. Na sociedade novaodessense seus filhos e filhas estudarão fora desta cidade (até meados de 1970 ainda não havia sido implementado o ensino médio neste município) e só a partir de então se empregarão - em funções de gestão pública e privada: os moços, geralmente em funções de chefia e as moças tornando-se professoras, numa adequação à estrutura da nova classe média.

Observando a sociedade local, ainda que, na área urbana, os primeiros imigrantes italianos tenham encontrado facilidade de instalação e comunicação, e os que não tiveram igual facilidade, geralmente letonianos, mantiveram-se à margem, tem-se a impressão que todos estes que aí se estabeleceram antes de 1950⁹, formaram um

⁷ Fiação é o nome que os moradores dão à S/A Têxtil Nova Odessa.

⁸ Segundo Chiavenato (1993, p. 143) “tanto o diretor, o gerente, o chefe, o supervisor como o encarregado – cada qual em seu nível – desempenha atividades de previsão, organização, comando, coordenação e controle, como atividades administrativas essenciais”.

⁹ Os imigrantes norte-americanos, luteranos, foram grandes proprietários rurais; os imigrantes letos, batistas, foram pequenos proprietários rurais; os primeiros imigrantes italianos, católicos, da região, provavelmente pertenciam à classe dos meeiros e pequenos proprietários; formando todos conjuntamente uma classe pouco afeita a proletarização, ou aos interesses das classes menos favorecidas.

quadro¹⁰ com distintos coloridos, dos quais, os que vieram depois desta data escolheram a cor que mais lhes conviesse.

As migrações que ocorreram para este local inverteram a posição ‘rural x urbana’ de seus habitantes no quadro populacional. Os migrantes (vindos principalmente de Minas Gerais) se chocaram, ao mesmo tempo, com o ‘modernismo’ da racionalização, administração científica do trabalho, na fábrica – visão de mundo mais perceptível em um grupo (protestante); com a visão de mundo permeada pelo distanciamento de classe econômica – não explícito, mas exercido no nível de costumes, no grupo (católico) com o qual até aquele momento se confrontaram de imediato (moradores antigos da cidade).

O tipo de conduta “moderna para época” foi sistematizado por Taylor, norte americano ‘quacker’ (protestante). A religião protestante estabelece uma rigidez na conduta; cumprir a vocação com a qual foi predestinado nesta vida, para alcançar a vida eterna. Essa predestinação estava ligada ao trabalho e sua atitude era mais parecida, na década de 1950, com as responsabilidades desenvolvidas por uma fábrica. O que deve ter causado um grande desconforto, pois conforme Tönnies (1947), as relações de comunidade baseavam-se na coesão nascida do parentesco, práticas herdadas dos antepassados e sentimentos religiosos que uniam o grupo. Diferentemente da vida urbana desenvolvida, organizada em Estado e complexa divisão do trabalho.

No Brasil, o governo propôs uma política educacional voltada para o ensino técnico. Tal fato não ocorreu no distrito de Nova Odessa, visto que as diretrizes tayloristas já haviam sido incorporadas no sistema educacional desde 1945, quando na jornada da educação, destacava-se o caráter ‘educativo do trabalho industrial’ e a importância do ensino primário para a difusão de um comportamento ‘racional’:

“No ensino primário será necessário e suficiente orientar o espírito da criança para o fato de que qualquer trabalho concreto, ou mesmo uma opção singela, pode ser executada de diversas maneiras, umas mais simples, outras mais complicadas, e que entre essas formas de proceder deve ser procurada aquela que permita realizar o objetivo com menor esforço. Para isso é preciso de antemão, pensar na maneira pela qual se deve realizar o trabalho e que, portanto, toda ação deve ser subordinada a um plano preestabelecido. Também se deverá fazer compreender à criança que a divisão do trabalho traz vantagens, que cada um deve executar a parte do trabalho para que possui mais jeito ou que está mais de acordo com sua constituição; tal como se verifica em todas as manifestações da vida na natureza, e que assim o trabalho se tornará mais rápido e mais perfeito”. (Revista do IDORT, 1946, FEVEREIRO, p. 33).

Ao nível nacional, houve uma tendência ao abandono à forma tradicional de gestão de tipo familiar, mas em Nova Odessa os trabalhadores mantiveram paralelamente as relações de produção de estrutura familiar. As instituições de ensino e os técnicos em orientação vocacional procuraram treinar e ajustar indivíduos de diversas capacidades e níveis sociais às hierarquias já existentes. A educação formal seguiu seu curso.

Mais uma vez, aqui nos detemos para lembrar Elias e a necessidade de formar uma idéia bem clara de como o comportamento e a vida afetiva mudou lentamente.

A cidade passou por diversas fases no processo agrícola: produção do algodão; avicultura; cana de açúcar; e quando a industrialização começava a se firmar no local, na década de 1960, ficou evidente a necessidade de reorientação do esquema escola-trabalho. Conforme Nova Odessa – edição histórica ([197-?]) as escolas estaduais passaram por transformações de acordo com a Redistribuição da Rede Física Escolar e aplicação da Lei nº 5692/71 que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, onde consta em alguns de seus artigos a qualificação para o trabalho, e

¹⁰ Para esta análise, consideramos os estudos de ELIAS, Norbert (2000) (1994). Parte I, pp. 11- 60 e (1990).

possibilidade de habilitação profissional em cooperação com as empresas. Na mesma linha, as instituições de ensino e os técnicos em orientação vocacional procuraram treinar e ajustar indivíduos de diversas capacidades e níveis sociais às hierarquias já existentes.

Com o tempo todos estes costumes podem ter se naturalizado. Com referência à SATNO, a fala de uma moradora nos chamou a atenção:

“...daí foi mudando, aí fez aquela casa, aí fez o salão de baixo, quando construiu o salão de baixo que vai até perto da rodoviária, quando construiu o clube, construiu a cooperativa (*de alimentos*) e a escola, tinha uma escola que era do SESI ... que a fiação construiu e ali o sócio pagava a professora e a fiação bancava todo o resto e era escola primária. Quando fizeram aquele salão ali de baixo, fizeram escritório, tudo com ar condicionado. [...] Em 1970, foi emprestada aquela escola para o primeiro curso de noivos de Nova Odessa [...] na escola do Sesi ... os filhos dos funcionários da fiação tinham prioridade, só entrava outra criança se sobrasse vaga”.

A descrição da moradora mostrou de forma clara que a aliança “família, igreja, trabalho, escola”, nesta cidade, direcionou o crescimento de vários empregados. Ao mesmo tempo em que o único pároco da cidade incentivou o estudo para alguns fiéis (empregados da SATNO), a fábrica cedeu local para preparação de curso de noivos. A reprodução da força de trabalho pode ser capacitada adequadamente, recebendo instrução básica com a escola do SESI na fábrica, cuja professora possivelmente representava as atitudes e valores, costumes e capacidades intelectuais da progressista nova classe média.

Uma possível ascensão à nova classe média pelos operários da época - a mobilidade à função de gestão no posto de contramestre - não aconteceu de forma imediata. Nos vários momentos em que a fábrica crescia em capital e produção, implantações de novos modelos de reorganização do trabalho e de administração fizeram-se necessários para educar a mão de obra às exigências da empresa. Após implantação das normas tayloristas¹¹, foi dado seguimento à modernização da administração, com os pressupostos de Fayol¹², dando sustentação à burocracia, creditando o seu sucesso ao fato dos trabalhadores respeitarem a estrutura e suas chefias. Estes motivos dão-nos a entender o porquê da resistência também de grande parte dos filhos e/ou netos dos operários ascenderem ao posto de contramestre.

Com o tempo a classe trabalhadora se desenvolve.

Em setembro de 1997, a diretoria da S/A Têxtil Nova Odessa emitiu um comunicado aos seus funcionários anunciando a falência da empresa, por diversos motivos de endividamento e concorrência. Com a falência anunciada, a diretoria sugeriu a formação de uma cooperativa e um consultor da Associação Brasileira de Autogestão, Ação, Trabalho e Capital, foi chamado para os orientar sobre a idéia de cooperativa, pois as palestras não abrangiam os operários da produção. A criação de uma cooperativa de um ponto de vista de Santos (1979) pode ser considerada como uma tentativa de manutenção da cidadania através do trabalho, porém este grupo que era formado por três ex-gerentes – geral, tinturaria, manutenção – e um engenheiro, não foi mantido. Pois com base no Estatuto da Cones, que não considera desejável que “*o associado venha a exercer qualquer atividade considerada prejudicial à Cooperativa ou que*

¹¹O taylorismo fragmenta o conhecimento do processo do trabalho, não exige domínio do conteúdo do trabalho, exclui a possibilidade de participação nas decisões acerca de seu planejamento. As funções mais diretamente ligadas à execução de normas e procedimentos exigem níveis mais baixos de escolaridade.

¹² “Autoridade e Responsabilidade”, sem data.

colida com seus objetivos”¹³, passaram a reestruturar a cooperativa, criando também o departamento de Recursos Humanos e parte contábil.

Seu sistema de trabalho passou a ser a feição: o algodão, matéria-prima da produção, é enviado pelos fornecedores que recebem parte da matéria prima manufaturada como pagamento e a outra parte é vendida a novos clientes. Os pressupostos do pensamento socialista de gestão operária¹⁴ e os objetivos da autogestão estão mesclados no primeiro Estatuto da Cooperativa Nova Esperança.

...

Revido através destes dados coletados sobre o desenvolvimento da educação e trabalho nesta cidade, pudemos perceber a formação de uma configuração social, relações de indivíduos interdependentes ligados entre si por diversos níveis e maneiras, já em seus primórdios. Todos estes indivíduos, através de gerações, foram formadores de uma estrutura mental entrelaçada de numerosas propriedades emergentes, como relações de força, eixos de tensão, construindo uma visão educativa do trabalho a partir dos processos e relações sociais. Todos nos dão uma idéia de como o comportamento e a vida afetiva mudou lentamente. Isto nos leva a inquirir também sobre os hábitos formados e/ou transmitidos através de gerações, que conforme diz Elias, mudam com o tempo porque as experiências das pessoas e grupos continuam mudando e acumulando-se. Quando se fala na motivação da mudança, é que em relação aos costumes, a transformação ocorre a partir da dinâmica das classes sociais, novos padrões de comportamento que deixam de ser conscientes para tornarem-se uma segunda natureza, mudanças na estrutura da personalidade. O *habitus* em Elias é incorporado a partir da participação dos indivíduos nas figurações.

Sendo assim é importante a continuidade do estudo com atenção nas diversas mudanças que se fizeram no local de trabalho e na cidade, para poder situar as que provocaram transformações, lentas, mas que com o passar do tempo levaram à uma transição.

Referências:

AMATO NETO, João. Complexos cooperativos e desenvolvimento local: um estudo de casos brasileiros. **SISTEMAS & GESTÃO**, (Niterói) v.1, n.3, set./dez. 2006.

ARQUIVO DO ESTADO - Divisão do Arquivo do Estado, **Caixa 49 de Núcleos Coloniais**, Maço 4, Correspondência 23.

ARRUDA, Wanderlino. “A influência do algodão na fixação do homem ao solo”, Minas Gerais, **Boletim de Agricultura**, 1957.

BARRETO, Paulo Sérgio. **Nova Odessa: um século de história, cultura e cidadania**. Americana: Adonis, 2004.

BOLDRINI, Maria Irani. **A imigração leta** - o Núcleo Oficial de Nova Odessa, 1989, 132 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

¹³ Minuta de 28.02.2000, Cap. III – dos Cooperados, Demissão, Eliminação e Exclusão, Parágrafo 1º, a) p. 03

¹⁴ Estes pressupostos podem ser estudados em MOTTA (1987).

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BURIGO, Nelia Maria Puccini. **Nova Odessa – o trabalho e a concepção de mundo tornada fé**. 1997, 117 fs. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1977.

CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria geral da administração**: abordagens prescritivas e normativas da administração, São Paulo: McGraw-Hill Ltda, 1993.

COMPANHIA SIDERGÚRGICA NACIONAL. **Avaliação do Trabalho**: linha de engenharia industrial, [São Paulo]: Companhia Siderúrgica Nacional, 1957, mimeo.

CORRÊA, Fernanda Zanin Mota. **Autogestão e heterogestão**: comparando as relações de trabalho em duas organizações do setor têxtil de Santa Catarina. 252 fls. 2004. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

CUNHA, Mario Wagner Vieira da. **O sistema administrativo brasileiro – 1930-1950**. Rio de Janeiro. Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional. Série VI Sociedade e Educação. Coleção O Brasil Urbano. 1963.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1990.

_____ **Os estabelecidos e os outsiders**. *Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

JORNAL **O Município**, vários números de 1930 a 1939.

KUENZER, A Z., As mudanças no mundo do trabalho e a educação: novos desafios para a gestão. In: FERREIRA, Naura S. Carapeto (Org). **Gestão democrática da educação**: atuais tendências, novos desafios. São Paulo: Cortez, 2003.

MILLS, C. Wright. **A nova classe média** (white collar). Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1969.

Nova Odessa – edição histórica. São Paulo: Excalibur, [197-?].

PAGNANI, Eolo Marques. **A sub-contratação na pequena e média empresa industrial**. 1976. págs. Tese (Doutorado em Economia), Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976.

QUADROS, W. J. **A nova classe média brasileira: 1950-1980**. 1985, 155 págs. Dissertação (Mestrado em Economia) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1985.

REVISTA de Organização Científica, referente ao Ano de 1946. Publicada pelo **IDORT – Instituto de Organização Racional do Trabalho**, São Paulo, 1946.

RODRIGUES, João A. **Façonismo**: um sistema de trabalho – o exemplo de Americana. Instituto de Geografia. Série 6 – Geografia das Indústrias. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

SANTOS, Wanderley Guilherme. **Cidadania e Justiça**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979.

SILVA, Felipe Luiz Gomes. **A fábrica como agência educativa**. Araraquara: Laboratório Editorial/ FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y Sociedad**. Buenos Aires, Lozada, 1947
